

**A FIGURAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE DE ROMANCE
ENQUANTO OS DENTES, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA (2017)**

**THE FIGURATION OF PEOPLE WITH DISABILITIES: AN ANALYSIS OF
ENQUANTO OS DENTES, BY CARLOS EDUARDO PEREIRA (2017)**

Ana Paula Franco Nobile Brandileone*

Beatriz da Silva Massari**

RESUMO: Considerando que a produção ficcional brasileira contemporânea tem se voltado para a representação de grupos sociais silenciados, como mulheres, pobres, negros, indígenas, (ex)presidiários, deficientes físicos, entre outros, este artigo tem por objetivo investigar como se constrói a representação das pessoas com deficiência no romance de estreia do escritor Carlos Eduardo Pereira, *Enquanto os dentes*, publicado pela editora Todavia, em 2017. No que tange aos resultados obtidos com a presente análise, que se dá sob a luz de estudos de Dalcastagnè (2002; 2005; 2007), Rosenfeld (1976), Bahktin (1993), Reis e Lopes (1988), Culler (1999), entre outros estudiosos, pode-se afirmar que o romance oferece uma história individual, mas de alcance coletivo, pois traduz a invisibilidade do cadeirante no meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea. Representação das pessoas com deficiência. *Enquanto os dentes*. Carlos Eduardo Pereira.

RESUMEN: Teniendo en cuenta que la producción ficcional brasileña contemporánea se ha centrado en la representación de grupos sociales silenciados, como mujeres, pobres, negros, indígenas, (ex)presidiarios, discapacitados físicos, entre otros, este artículo tiene como objetivo investigar cómo la representación de las personas con discapacidad en la ópera prima del escritor Carlos Eduardo Pereira, *Enquanto os dentes*, publicada por la editorial Todavia, en 2017. En cuanto a los resultados obtenidos con el presente análisis, que se da a la luz de los estudios de Dalcastagnè (2002; 2005; 2007), Rosenfeld (1976), Bahktin (1993), Reis y Lopes (1988), Culler (1999), entre otros estudiosos, se puede decir que la novela ofrece una historia individual, pero con un alcance colectivo, porque traduce la invisibilidad del usuario de silla de ruedas en el entorno social.

* Doutora, professora Associada do Centro de Letras, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, campus Cornélio Procópio, onde atua como docente no curso de Letras e no ProfLetras. É vice-líder do grupo de pesquisa Crítica e Recepção Literária (CRELIT). Atua no campo da educação literária e da narrativa brasileira contemporânea. E-mail: apnobile@uenp.edu.br

** Graduanda do curso de Letras, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, campus Cornélio Procópio. E-mail: biahmassari@gmail.com

PALAVRAS CLAVE: Literatura brasileira contemporânea. Representación de personas con discapacidad. *Enquanto os dentes*. Carlos Eduardo Pereira.

ABSTRACT: Considering that contemporary Brazilian fictional production has focused in the representation of silenced social groups, such as women, the poor, blacks, indigenous people, former prisoners, the handicapped and among others, this article aims to investigate the representation of people with disabilities in the debut novel by writer Carlos Eduardo Pereira, *Enquanto os dentes* published by the publishing company Todavia, in 2017. Regarding the results obtained with the present analysis, which takes place in the light of studies by Dalcastagnè (2002; 2005; 2007), Rosenfield (1976), Bahktin (1993), Reis and Lopes (1988), Culler (1999), among other, it can be said that the novel offers an individual story, but with a collective scope, as it translates the invisibility of wheelchair users in the social environment.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Literature. Representation of people with disabilities. While teeth. Carlos Eduardo Pereira.

1 Literatura e Representatividade

Ao fazer a leitura de um romance ou de qualquer outro gênero literário, o leitor busca se conectar com experiências de vida, procurando entender o outro e o que é ser o outro, já que a literatura é instrumento para revelar diferentes representações e as mais variadas perspectivas sobre o mundo e a vida. Desse modo, a literatura é, ou deveria ser, um campo aberto para o compartilhamento de sensações, ideias, vivências e livre comunicação entre os sujeitos e seus respectivos pontos de vista, sobre o que é e como é ser alguém na sociedade e fazer parte dela. Não é isso, entretanto, que a produção literária contemporânea nacional tem revelado.

Em pesquisa finalizada em 2005, Dalcastagnè (2005) realizou um mapeamento da produção romanesca brasileira contemporânea ao longo de 10 anos, de 1994 a 2004, no qual apresenta importantes dados que mostram uma lacuna tanto na parte da representação quanto da representatividade e do discurso, ao analisar quem escreve, quem são os personagens e a posição que cada um deles ocupa nessas produções romanescas. Nessa pesquisa, a autora desvela o apagamento de certos grupos sociais, como dos negros, dos mestiços, dos indígenas, dos pobres, das mulheres, dos deficientes, dos homossexuais, bem como apresenta a predominância de personagens de origem branca, do sexo masculino, heterossexual, pertencente ao ambiente urbano, sem deficiências e de classe média (DALCASTAGNÈ, 2005, p.15).

Nessa perspectiva, a narrativa brasileira contemporânea não apenas deixa de fornecer determinadas representações da realidade, mas também essas representações não são representativas do conjunto de perspectivas sociais. O que fica é que ao marginalizar algumas representações sociais, a produção narrativa contemporânea valoriza algumas vozes, discursos e pontos de vista em detrimento de outros, deixando, portanto, de lado a multiplicidade de vozes, discursos e conceitos que compõem a sociedade brasileira. Desse modo, a literatura brasileira contemporânea parece mimetizar a vida social: se a visibilidade a estes grupos é negada pelas criações literárias, é porque a eles são negligenciados o lugar e voz na nossa realidade social. Assim, a equação não pode ser outra: à margem da sociedade, à margem dos livros.

Provenientes de grupos marginalizados socialmente, a eles resta a invisibilidade, o apagamento ou o estereótipo. Exemplo do último caso é o conto “Feliz ano novo” (1975), de Rubem Fonseca, em que garotos subalternos assaltam, estupram e assassinam pessoas em uma festa de classe média e são expostos como assaltantes, estupradores e assassinos. Ao contrário do assassino de classe média, que sai de madrugada para atropelar pessoas nas ruas: delineado como um sujeito que possui uma perversão. Caso de outros dois contos do mesmo autor, “Passeio noturno I” e “Passeio noturno II”, ambos de 1975.

Este ponto de vista discriminatório, de um lado, e complacente, de outro, encontra eco em outra discussão trazida por Dalcastagnè (2005) e que tem a ver com o perfil de quem escreve, pois é o escritor quem diz sobre o outro e/ou em nome do outro: “Ele [o autor] é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.33). Aspecto que revela o pano de fundo da invisibilidade, do apagamento e do estereótipo de certas representações, como as delineadas por Fonseca nos contos acima referidos. Desse modo, a dominação de determinados grupos sociais sobre outros está, também, condicionada pelas percepções de mundo daquele que está representando, o autor, pois “Representar em literatura é, então, criar um mundo segundo a ótica do criador [...]” (ZAPPONE, 2015, p.94). Para Dalcastagnè (2007, p. 21), “[...] a valoração sistematicamente positiva de uma forma de expressão, em detrimento de outras, faz da manifestação literária o privilégio de um grupo social”. O

inverso também é verdadeiro: a desvalorização sistematicamente negativa de uma forma de expressão, em proveito de outras, gera a marginalização do grupo social. Diante desse pressuposto, o escritor literário pode privilegiar a representação discursiva de seu grupo de pertença, marginalizando vozes de outras esferas sociais e/ou ferindo representações do mundo social, por excelência, múltiplas. Por isso não é de se estranhar o desprestígio de uma cultura em relação à outra, de um gênero em relação a outro, de um estrato social em relação a outro, etc.

Há, entretanto, escritores que, ainda que componham a classe dominante, buscam representar as camadas populares sem estereotipá-las. Mas isso não basta, alerta Dalcastagnè (2005), uma vez que na literatura não importa apenas ser representado de maneira “sincera”, pois:

O problema da representatividade não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares da fala. No entanto, um dos sentidos de “representar” é, exatamente, falar em nome do outro. Falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente autoritário – e o primeiro adjetivo não exclui necessariamente o segundo. Ao se impor um discurso, é comum que a legitimação se dê a partir da justificativa do maior esclarecimento, maior competência, e até maior eficácia social por parte daquele que fala. Ao outro, nesse caso, resta calar. (DALCASTAGNÈ, 2005, p.16).

Sob este ponto de vista, “[...] não basta dar voz aos grupos excluídos da sociedade e/ou da história “oficial” por vozes que buscam falar em “nome deles”, pois é do próprio excluído que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-o, assim, agente da sua própria história” (BRANDILEONE, 2013, p.26). Não por acaso, as produções literárias que trazem à tona a representação discursiva dos grupos silenciados são produzidas por autores pertencentes às minorias sociológicas e, portanto, geradas pela perspectiva de “dentro”. Por isso, não é incomum encontrar escritores e/ou críticos literários assumirem que quem melhor representa os personagens marginalizados são aqueles que além de percorrerem tais territórios, possuem uma relação embrionária com eles. Essa equação pode ser figurada por uma citação de Ferréz, articulador da literatura marginal, para quem “A literatura marginal, é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande

cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2005, p.12). Assim, mesmo que existam escritores solidários aos problemas das classes subalternas, não viveram as suas experiências e, por isso, não podem falar em nome delas. Nesse sentido, o escritor é alguém que possui uma trajetória e uma posição social, as quais atingem em cheio a sua perspectiva dos grupos sociais representados.

Considerando este pressuposto é que para Dalcastagnè o fato de a maioria dos romances contemporâneos brasileiros serem monopolizados por homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, pertencente ao meio urbano e de classe média, reduz, e muito, não apenas a presença dos grupos marginalizados nas narrativas, mas sobretudo a chance de terem voz, pois “[...] em grande medida, aqueles que participam do campo literário já estão presentes também em outros espaços privilegiados de produção do discurso, notadamente na imprensa e no ambiente acadêmico” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.32); o que reafirma que o campo literário ainda é espaço privilegiado para determinados grupos sociais.

No bojo dessa discussão estão, evidentemente, as relações de poder, que se inscrevem no âmbito de um longo histórico de dominação e de exclusão, no qual sujeitos são deixados à margem de várias instâncias de poder; além dos poderes econômico, social, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, também do campo literário:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, [...] acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque a definição de ‘literatura’ exclui suas formas de expressão. Ou seja, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 17).

Diante dessa problemática da representatividade é que, cada vez mais, a literatura tem se ocupado em dar voz aos grupos sociais marginalizados, democratizando o fazer literário, o que significa se voltar para a discussão de aspectos relacionados à legitimidade, à autoridade, ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais, sobretudo dos subalternos, entendidos, em sentido amplo, como aqueles que vivenciam uma identidade coletiva concebida de forma pejorativa pela cultura dominante. Entretanto, adverte Dalcastagnè, o acesso à voz não é

suficiente, é preciso que “[...] “possa[m] falar com autoridade” [e que tenham] o reconhecimento social de que o seu discurso tem valor e, portanto, que merece ser ouvido” (2002, p. 36)

Entre os grupos analisados mais de perto por Dalcastagné (2005), em pesquisa que mapeou a produção romanesca brasileira contemporânea entre 1994 e 2004, interessa aqui o grupo dos deficientes, uma vez que esta pesquisa analisa a representação do deficiente físico no romance *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira; escritor que é cadeirante e negro, assim como o personagem protagonista de seu livro. Segundo a autora, cuja pesquisa contemplou a presença de personagens com diferentes tipos de distúrbios físicos ou psicológicos, a proporção de portadores de deficiência física, de enfermos e de transtornos mentais (categoria que inclui da loucura ao retardamento) é praticamente idêntica entre as personagens do sexo feminino ou do sexo masculino. Duas diferenças relevantes se destacam quando o foco é o sexo dos autores, afirma a estudiosa. Mulheres criam menos personagens que sejam dependentes químicas (2,2% das personagens criadas por elas são dependentes, contra 4,6% dos homens) e são mais propensas a produzir personagens que sofram de perturbação mental (7,2% contra 3,7%). Personagens portadoras de deficiência física têm uma ligeira tendência a serem assexuadas (9,5% delas são assexuadas, enquanto a média geral é de 2%). Se, no quesito dependência química, pobres e miseráveis podem ser tratados como uma unidade, no que se refere à perturbação mental o quadro é diferente. As personagens pobres têm a menor proporção de perturbados mentais (3%), enquanto as miseráveis têm a maior (13,9%). Efeito, possivelmente, de outra figuração de grande visibilidade, tanto nas cidades quanto no campo, a do andarilho andrajoso e demente.

Como se pode verificar, a condição física, especificamente, a deficiência física, não ganha destaque nos romances brasileiros contemporâneo. Isso pode ser creditado, conforme já destacado, à invisibilidade desse grupo na sociedade brasileira. Na contramão disso, há, no entanto, escritores que, ao pertencerem ao mesmo grupo que representam, têm, potencialmente, a possibilidade de retratá-lo sem estereótipos, comumente impostos por outros conjuntos da sociedade. Pois, segundo Dalcastagné, mesmo que determinados escritores possam ser sensíveis e solidários a problemas de um grupo social ao qual não faz parte, “[...] nunca viverão as mesmas experiências

de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente” (2005, p.19). Aspecto que ganha relevância no romance *Enquanto os dentes*, considerando que o autor é deficiente físico. Falando em nome de uma coletividade, ele retrata, sem distorções, os desafios de ser cadeirante na sociedade brasileira.

Quando não (quase) apagado da literatura, como o caso das narrativas brasileiras contemporâneas, o deficiente físico é representado, não raro, sob a perspectiva da piedade: “[...] um ser humano incapaz de lutar contra as dificuldades da vida, [...] tornando-se, então, vítima das circunstâncias naturais das quais não se tem nenhum controle ou domínio” (MENEZES; RABELO, 2020, p. 37486). Entretanto, a partir do final do século XX e o início do século XXI, os deficientes passaram a ser representados de maneira bidimensional, “[...] ora apresentado[s] como vilão ora representado[s] como inválidos santos” (MENEZES; RABELO, 2020, p. 37486)

Os “santos inválidos”, vulgo “aleijados”, ganharam, de diversos autores, um olhar piedoso; já quando figurados como vilões, os personagens são construídos de modo a usar a deficiência para justificar a falta de caráter, afirmam Menezes e Rabelo (2020). Como exemplo, os estudiosos citam o romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1875, no qual Belchior, o escravo, é obrigado pelo filho do comendador, Leôncio, a se casar com a escrava Isaura, com a promessa de se beneficiar. Entretanto, o escravo Belchior é usado apenas como moeda de troca, pois Leôncio dá a escrava em casamento para se livrar das desconfianças da esposa Malvina. Para a escrava, Belchior era um castigo, bem maior do que qualquer outro que pudesse sofrer na senzala. Assim o escravo corcunda é compreendido como um vilão para Isaura. Já para Leôncio, o matrimônio entre Belchior e Isaura serve para que ele continue suas investidas, pois a condição frágil de Belchior, corcunda e de idade avançada, não o permitiria reagir aos seus flertes à esposa. Dessa maneira, Belchior é posicionado como um ser insignificante; aqui sob o ponto de vista de Leôncio.

O desprezo em relação ao deficiente físico pode ainda ser verificado no clássico *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. A situação que remete a isso se dá quando o protagonista Brás Cubas se interessa por Eugênia, filha de uma serviçal da família. Logo que percebe que uma perna de Eugênia é mais curta que a outra, ele, de maneira súbita, perde o interesse pela moça. Esse desinteresse

repentino, demonstra a visão preconceituosa da sociedade sobre as pessoas com deficiência.

Também na contemporaneidade, a pessoa com deficiência é figurada como ser desprezível, como é o caso do conto “O filho” (2013), de Rubem Fonseca. Nesta narrativa, Jéssica é uma adolescente de 16 anos que tem uma gravidez indesejada e, com a mãe, resolve vender a criança assim que ela viesse ao mundo. A criança, no entanto, nasce sem um dos braços. Frente a essa situação, a mãe da adolescente sai correndo, deixando a filha sozinha. E a menina, ao ver a deficiência do filho, enrola-o em uma coberta e o abandona em uma lata de lixo: “Saiu sozinha com o olho arregalado como se Satanás tivesse entrado no seu corpo” (FONSECA, 2013, p. 10-11). O comportamento assumido pela mãe ao tomar a criança dos braços pela primeira vez, sugere a perspectiva negativa a respeito dos deficientes físicos, compreendidos como seres horripilantes e incapazes de assumir uma função social. A repulsa manifestada das mulheres pelo bebê expressa que, apesar de atualmente haver leis que asseguram direitos para as pessoas com deficiência,

[...] as pessoas persistem em defender a ideia de que o deficiente é diferente do ser humano, considerado “normal” e com isso subestimam [suas] capacidades e [...] muitas vezes nem oferecem a oportunidade de demonstrar a sua capacidade [...]. (CORRENT, 2016, s/p)

Já na obra *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, publicado em 1982, observa-se, segundo Santos (2012), o arrependimento e um certo tom de revolta por um acontecimento pontuado pela fatalidade: acidente que deixaria o escritor paraplégico. Prova disso é a cena recorrente do salto na lagoa e que vitimou Marcelo no dia 14 de dezembro de 1979, obrigando-o a manter-se preso a uma cama de hospital e, posteriormente, à cadeira de rodas. A narração desse episódio, cuja obra narra a experiência autobiográfica do autor, está na abertura e no fechamento do livro, além de ser citada em outros momentos do relato, sempre num tom de arrependimento: “Quantas vezes eu penso em voltar no tempo para segundos antes de me atirar naquele lago” (PAIVA, 1982, 114). Paralisado da cintura para baixo, foi impedido de viver as experiências como qualquer jovem da sua idade, pois, dadas as circunstâncias, voltou a morar com sua mãe. Após longo período de árdua recuperação, recobrou o movimento dos braços e passou a se guiar sozinho na

cadeira de rodas. Diferente dos demais livros apresentados e que possuem como mote a deficiência física, aqui é a própria pessoa com deficiência que mira sobre si um olhar austero e, ao mesmo tempo, acanhado, justamente por ter tido sua vida privada de autonomia e da liberdade de ir e vir.

Entretanto, há narrativas que fraturam o estereótipo discriminatório que posiciona os deficientes físicos como seres incapazes; é o caso de “Campo Geral”, de Guimarães Rosa. O conto narra a vida de um garoto, Miguilim, que sofre de problemas de visão e, por isso, enfrenta retaliações de seu pai por não conseguir fazer atividades costumeiras de moradores do interior, como o ajudar em seu trabalho braçal. Míope, o pai só descobre a deficiência do filho quando um médico, que está de passagem pela pequena cidade, realiza o diagnóstico. O pai só descobre a deficiência do filho quando um médico, que está de passagem pela pequena cidade, realiza o diagnóstico. A partir disso, o pai se torna compreensivo diante das dificuldades do filho, desconstruindo, assim, o estereótipo dos deficientes serem dignos de piedade ou vistos como sujeitos incapazes.

Considerando os aspectos mencionados acima, sobretudo a representação da pessoa com deficiência física nos romances brasileiros contemporâneos e nos clássicos da literatura brasileira, a seguir análise do romance *Enquanto os dentes*, narrativa de estreia de Carlos Eduardo Pereira na cena literária brasileira.

2. A Representação da Pessoa com Deficiência Física no Romance *Enquanto os Dentes*, de Carlos Eduardo Pereira

Em 2010, o professor Carlos Eduardo Pereira foi acometido por uma doença autoimune que, em poucos dias, deixou-o em uma cadeira de rodas. Após passar dificuldades para se adaptar à vida de cadeirante, o escritor se graduou em Letras, no Departamento de Letras da PUC-RJ, em 2012. Com os conhecimentos adquiridos no curso, Carlos produziu sua primeira obra literária intitulada *Enquanto os dentes*, publicado em 2017, pela editora Todavia. No romance, Pereira apresenta algumas problemáticas contemporâneas envolvendo a questão racial, as pessoas com deficiência e a homossexualidade, sendo a falta de acessibilidade e as dificuldades

do cadeirante o tema central. O livro, de 96 páginas, é composto de forma contínua, de um fôlego só, sem divisões em capítulos; é, ao mesmo tempo, enxuta e densa.

É, então, a partir da perspectiva de ser cadeirante que, segundo Filholini, “[...] o autor usou da sua condição na possibilidade de construir uma história marcante” (2018, p. 16); aspecto que encontra eco nas palavras do próprio escritor:

Eu fiquei cadeirante [...] de 2010 pra cá [...] então você tem uma perspectiva de vida [...] aí de repente você fica cadeirante e resolve que ‘Ah vou circular pela cidade’, ‘[mas] de que forma?’ ‘vou me descobrir’ [...] a gente ia a algum restaurante, a gente ia [...] a praia, como é que faz para tomar banho agora [...] como se abre uma maçaneta. É diferente, é outra perspectiva. Enfim, todas essas descobertas para mim eu tentei passar para o livro [...] (PEREIRA, 2017)

Em outras entrevistas, como a concedida ao canal do Youtube Litera, Pereira reafirma que a condição de cadeirante e as barreiras de toda ordem deram origem à narrativa: “Eu me dei conta de que a gente precisa trabalhar com algo de verdade, com algo concreto, e o que eu tenho de mais verdadeiro é minha vida, então eu preciso me colocar no livro de alguma maneira” (PEREIRA, 2018a). Em entrevista ao Sapoti Cultural, reitera a gênese da sua obra: “[...] as minhas experiências pessoais contribuíram para a realização do romance [...]” (PEREIRA, 2018b, s/p).

Mas, ainda que a sua experiência de vida tenha servido de inspiração para a criação do livro, ele transcende esse ponto de partida na medida em que o leitor se depara com verdades, por excelência humanas, que remetem à solidão, ao medo, ao abandono; aspecto que encontra ressonância em mais uma de suas declarações: “A imaginação é capaz de transformar as experiências vividas em algo para além do concreto de todo dia, e com isso se abrem-se novas possibilidades de leitura, o que me interessa” (PEREIRA, 2018c, s/p).

O romance *Enquanto os dentes* conta a história de Antônio, um sujeito que se aproxima dos 40 anos de idade, negro, homossexual e que se tornou paraplégico após um acidente de carro. Por problemas de ordem financeira, Antônio decide se mudar de seu apartamento para a casa dos pais, de onde tinha saído há mais de 20 anos. Durante a trajetória para a casa dos pais surgem lembranças da sua infância e adolescência, bem como da tumultuosa relação familiar, sobretudo com o pai. Comandante, como é chamado pelo filho, construiu a carreira na Marinha e queria o

mesmo para Antônio. Por isso, cobra dele disciplina e rigor, que está expresso no corte de cabelo exigido pelo pai a Antônio, remetendo ao comportamento militar: “Antônio não procura chamar muita atenção [...] raspa a cabeça desde novo, acostumou a ser levado pelo Comandante semana sim semana não ao barbeiro da rua de baixo [...] porque crioulo tem que manter o pelo curto [...]” (PEREIRA, 2017, p. 39). Tendo desrespeitado a vontade do pai, apesar de ter ingressado na Marinha e ali permanecido algum tempo, o protagonista é, por assim dizer, esquecido pela família; com o pai o silêncio já durava 20 anos. Associado a este motivo está, também, o fato de ser homossexual; faceta de Antônio que é descoberto pela mãe, por acaso, quando liga para sua casa e o namorado atende:

Teve uma vez que ela ligou depois de duas ou três semanas sem conseguir saber do filho, e foi Arnaldo quem atendeu. A mãe ficou muda, mas ouviu que Antônio tinha sofrido um acidente, que os médicos tinham descoberto um problema e ele estava internado desde então, consciente, fazendo um tratamento que ia se estender por semanas, talvez um pouco menos se tudo ocorresse bem, que seu nome era Arnaldo e que. Ele não acreditou quando a mãe desligou na sua cara. Ligou de volta na mesma hora. “Escuta aqui, dona Teresa, eu vou usar de toda a meiguice que Deus não me deu pra te falar umas coisas, e acho bom a senhora me ouvir porque senão vou praí agora e a gente tem essa conversa cara a cara. Eu e Tony estamos juntos há quase dois anos, dona Teresa, dois anos. A gente mora junto, entendeu? Eu sei que a senhora tá bem de saúde, não vai passar mal com a notícia. Quem tá mal é o Antônio, dona Teresa, e ele tá precisando de ajuda, vai precisar do apoio de todo mundo que ama ele. A ressonância acusou necrose na medula. Sei que o Tony vai brigar comigo quando souber dessa nossa conversa, ele diz que eu falo demais, depois eu me entendo com ele. Enfim, era isso, tenha um ótimo dia, e recomendações ao Comandante”. (PEREIRA, 2017, p.83-84)

Contada de forma fragmentada, a narrativa é construída ao sabor das memórias do protagonista, que é revelada pelo narrador heterodiégetico, o qual “[...] relata uma história a qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão” (REIS; LOPES, 1998, p.121). Dotado de focalização onisciente, o narrador de *Enquanto os dentes* possui um conhecimento minudente da história, pois “[...] colocado numa posição de transcendência em relação ao universo diegético [...] comporta-se como entidade demiúrgica, controlando e manipulando soberanamente os eventos relatados, as personagens que o interpretam, o tempo em que se movem, os cenários em que se situam etc” (REIS; LOPES, 1988, p.255). Como é caso do trecho abaixo em que o narrador tem conhecimento dos casos de doença da família de Antônio:

Há um longo histórico de doenças envolvendo familiares tanto do lado do Comandante quanto da mãe, embora o assunto seja proibido. Tem parente com tumor no estômago, no pulmão, problema na cabeça, mas nada esclarecido, mesmo porque perderam contato com essas pessoas há muito tempo. (PEREIRA, 2017, p. 65)

Opção narrativa revelada pelo próprio autor em entrevista concedida a Carlos Marcelo no *Suplemento Pernambuco*:

Precisava encontrar uma voz que conduzisse tudo. A questão era definir se seria o Antônio contando a sua própria história ou se faria mais sentido utilizar um narrador em terceira pessoa. Acabei optando por alguém que vai junto, que acompanha o protagonista por todo lugar (e, assim, talvez trazendo com ele o leitor), alguém que sempre esteve colado nesse protagonista, que sabe tudo que ele pensa e sente. Um narrador que observa e, apenas, relata. Ele até traz para nós algumas de suas opiniões, claro (afinal, temos acesso somente ao que ele escolhe para jogar uma luz em cima), mas não me interessava que ele fosse uma espécie de apresentador de programa-dramalhão-da-tevé. (PEREIRA, 2018d, s/p)

É, portanto, a focalização onisciente que permite que o leitor tenha acesso aos seus pensamentos e sentimentos, bem como aos acontecimentos envolvendo os seus tempos da infância, da adolescência, da Escola Naval, das suas relações amorosas, das amizades e do acidente, que o deixaria deficiente físico. Lembranças, menos ou mais remotas, que são desencadeadas por um comentário, uma expressão, uma música, já que qualquer coisa dispara, no protagonista, o processo rememorativo. Na passagem abaixo, a memória é acionada quando um grupo de jovens com cervejas nas mãos chama sua atenção:

Ele lembra de um domingo no passado quando o Comandante voltava de barca com ele para casa depois de um passeio [...] Antônio tinha ido buscar uma cerveja. Naquele tempo as latinhas eram feitas de outro material, mais resistente, e era mais fácil de acontecer o que aconteceu; a lata não abriu direito e o anel saiu da mão do Comandante que enfiou a ponta da chave de casa para tentar resolver a situação. Saiu muito espuma e esbravejou com Antônio. (PEREIRA, 2017, p. 30).

O passado menos remoto inscreve-se logo nas primeiras páginas, no qual o narrador põe à mostra o acidente de carro, que o deixaria paraplégico, e sua recuperação:

Antônio não fuma há cinco anos. Ou quatro anos, dez meses e vinte e oito dias. Desde a manhã do acidente que o condenou a cadeira de rodas. Ele deveria ter desconfiado de que a coisa era grave quando um dos maqueiros permitiu que fumasse enquanto esperavam pelos procedimentos de internação [...] Levaram Antônio para uma pequena clínica que ficava perto do seu antigo apartamento [...]. Ficou nessa casa de saúde por quarenta e sete dias. (PEREIRA, 2017, p. 5)

É, então, pelas lembranças que vão sendo apresentadas pelo narrador que o leitor acompanhará o cruzamento das dificuldades enfrentadas por Antônio, dada a sua condição de cadeirante, com as demais histórias e conflitos que permearam até então a sua vida; resgate que se dá quando decide se mudar do seu apartamento para a casa de seus pais. Com a abertura financeira se agravando dia após dia, porque depois do acidente vivia apenas da aposentadoria por invalidez e das vendas de alguns pertences que tinha acumulado, Antônio não vê outra saída a não ser se mudar para a casa dos pais. Decisão por muito tempo adiada devido ao afastamento com os pais, sobretudo com o “Comandante”; forma como o pai é denominado por ele: “O Comandante e Antônio não se falam desde a baixa na Marinha” (PEREIRA, 2017, p. 82). O vocábulo “comandante” se refere àquele “que comanda, que dá ordem a subordinados; dirigente; aquele que exerce um comando; título que se dá ao oficial que exerce o comando de um navio mercante ou de uma aeronave comercial; título oferecido a oficiais de qualquer arma e patente quando em exercício de comando” (HOUAISS, 2001, p.766). Transpondo esses conceitos para a narrativa, pode-se dizer que tanto o sentido denotativo quanto o conotativo ganham sentido: de um lado, o sentido estritamente profissional, dada a função assumida pelo pai como comandante da Marinha, de outro, a relação fria e distanciada do pai com o filho, cabendo àquele dar um comando e, a este, obedecer ao comando, sem diálogo ou questionamento: “O comandante sempre acreditou que se deve deixar claro para a criança desde cedo quem é que dá as ordens. Ele defende a necessidade de postura, de valorizar a voz de comando, sem muitas explicações [...]” (PEREIRA, 2017, p. 88).

O tom intimista e introspectivo da obra, que vai aos poucos sendo revelado pelo enredo, de forma que o leitor reconheça nas ações, pensamentos e sentimentos a “voz” de Antônio, advém da aderência do narrador ao seu ponto de vista. Ou seja, ainda que o narrador em 3ª. pessoa detenha a voz narrativa e tenha conhecimento ilimitado da vida de Antônio, a história é contada sob o ponto de vista do personagem

protagonista, ou seja, é dele a consciência ou posição através da qual os acontecimentos são enfocados. Essa discussão teórica ganha relevância em um dos capítulos de *Teoria literária*: uma introdução, no qual Culler (1999) apresenta os operadores do texto narrativo. Segundo autor, o ponto de vista a partir do qual a história é contada traz duas questões distintas: quem fala? E de quem é a visão apresentada? Desse modo, a questão “quem fala”? é distinta da questão “quem vê?”, já que o focalizador pode ou não ser o mesmo que o narrador; caso do romance em análise e pressuposto evidenciado por Tezza na orelha do livro: “Em seu primeiro romance, Carlos Eduardo Pereira põe o leitor numa cadeira de rodas, assumindo integralmente o olhar de Antônio, que está fazendo a mudança de seu antigo apartamento e indo para a casa dos pais, no outro lado da baía”. Aspecto que se revela no trecho a seguir:

Na rua, as pessoas vivem olhando para Antônio. E ele sorri. É de se imaginar o que elas pensam ao cruzar com um cadeirante desacompanhado. Tem gente que basta topar com um infeliz numa cadeira de rodas que logo se oferece para prestar algum tipo de ajuda. [...] A vontade é de mandar para o inferno todos eles. Mas não foi essa a educação que recebeu. (PEREIRA, 2017, p. 10)

Neste excerto, além do narrador demonstrar a sua aderência ao ponto de vista do protagonista, pode-se verificar os sentimentos internalizados, mas não pronunciados por Antônio. Por isso, não raro, a narrativa traz à tona o monólogo interior, que é “[...] uma técnica narrativa que viabiliza a representação da corrente de consciência de uma personagem [...] exprime sempre o discurso mental, não pronunciado, das personagens [...]” (REIS; LOPES, 1988, p. 266). Como exemplo, segue trecho em que o narrador põe à mostra o pensamento de Antônio acerca da antiga cadeira de rodas:

Esta cadeira de rodas antiga é uma merda. É o que Antônio deveria dizer em voz alta, sem se importar com o que o rapaz da banca de jornal pudesse achar, mas não diz. Porque ele não fala palavrão, e “merda” para ele é sim um palavrão. Combinaria melhor com ele a expressão “horrenda”. Isso. Diria “Esta cadeira antiga é horrenda”. Foi a primeira que ele usou, já saiu da clínica montado nela, e montado nela Antônio acaba ficando ainda mais curvado. Faz um esforço muito maior para trocar para a frente (ele se arrasta por aí numa poltrona da vovó), e a coluna, é obvio, reage, pede mais remédios. (PEREIRA, 2017, p. 11).

Tendo em vista que o presente da enunciação é frequentemente interrompido por recordações ligadas ao seu passado, cujos acontecimentos se dão em um passado mais ou menos remoto que outros, é que os tempos e espaços se misturam, uma vez que a passagem do presente para o passado é sempre súbita. Desse modo, a narração é entremeada por trechos que remetem, simultaneamente, ao presente e ao passado, quebrando a linearidade narrativa, como é o caso do excerto a seguir:

Uma série de ilhas de tamanhos diferentes vai passando, algumas de morar, contempladas no plano de realocação demográfica arquitetado pela administração municipal, mas a maioria serve apenas de base para um conjunto de instalações militares: as ilhas que servem de paiol, a ilha que é presídio para os marinheiros que ferem as normas previstas no código penal específico a eles, a ilha que serviu aos dois lados em disputa pela posse do território a ser colonizado desde 1500. Esses lados firmaram cada qual suas alianças com as tribos indígenas locais, que apoiavam cegamente o explorador branco em troca de espelhinhos. Teve o caso de um guerreiro português que levou uma flecha envenenada bem na testa, que morreria se não tivesse intervindo por ele o próprio São Sebastião. Então dominadores e nativos expulsaram juntos os franceses usurpadores de suas riquezas naturais, e o palco da disputa sangrenta foi o pedaço de terra cercado de água por todos os lados que séculos mais tarde viria se tornar a sede da orgulhosa Escola Nacional da Armada.

Quando Antônio se apresentou na Escola pela primeira vez, era seu aniversário. Ele fazia dezesseis anos naquela manhã ensolarada. Chegou sozinho ao distrito, carregando o malão contendo cada item do enxoval, como discriminado na relação recebida pelos correios. (PEREIRA, 2017, p. 35-36)

No fragmento acima, o narrador desvela o momento em que Antônio está observando da balsa as ilhas que vão passando e então recorda-se que algumas delas são instalações militares, o que o leva à lembrança de quando chegou à Escola Naval pela primeira vez, aos 16 anos. Nessa perspectiva, o leitor é jogado do presente da enunciação à adolescência do protagonista, passado mais remoto, e da balsa para o lar da Escola Naval.

Esse embaralhamento temporal e espacial que, para Bakhtin (1993) recebe o nome de cronotopo, relaciona-se com a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, isto é, com a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto, tornando-se uma categoria conteudístico-formal: “Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível: o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 1993, p. 211). Nesse sentido, a narração passa do presente para o passado, bem como de um espaço a outro, sem aviso prévio e sem marcações, fazendo com que

essa retomada ao passado tenha que se processar dentro do contexto narrativo. Dessa maneira, “[...] o leitor — que não teme esse esforço — tem de participar da própria existência da personagem” (ROSENFELD, 1976, p. 83). No que se refere às potencialidades operatórias do cronotopo, elas têm a ver não apenas com a função que ela desempenha no corpo da narrativa, isto é, recompor o presente e o passado do protagonista, com seus desdobramentos espaciais, mas também com a possibilidade de estabelecer conexões estreitas entre essa função e as linhas de força temáticas e ideológicas que informam o relato. No romance, essa contextura semântica está associada a questões que levam o leitor a refletir sobre os desafios a serem enfrentados/superados pela pessoa com deficiência, dada a sua invisibilidade social, que se desvela, entre outros aspectos, pelo desrespeito ao princípio de ir e vir.

Antes de se tornar cadeirante, Antônio era uma pessoa ativa que jogava vôlei, trabalhava como professor, nas horas vagas tirava fotografias, pintava quadros e tinha sempre o apartamento cheio de amigos: “Gostava de receber pessoas, de preparar quitutes e bebidinhas para todos” (PEREIRA, 2017, p. 18), ou ainda:

Aos fins de semana, mesmo depois das madrugadas de trabalho no ateliê, de um extra para garantir os dez por cento ou de uma festa comemorando qualquer coisa, Antônio acordava cedo, às vezes até virava a noite, mas era quase certo que seria o primeiro no vôlei [...] Era preciso aproveitar o dia então pegava o carro, colocava dentro tudo o que fosse necessário [...]. (PEREIRA, 2017, p. 59).

Mas, após o acidente, tudo mudou: “Com as limitações físicas, foi perdendo trabalhos, não entra mais na maioria dos lugares, não alcança determinadas alturas, não tem a mesma disposição de outros tempos. Passou a ver tudo por baixo” (PEREIRA, 2017, p. 59). Parte dessa dificuldade de Antônio está relacionada à falta de acessibilidade, que é denunciada ao longo da narrativa. Exemplo disso é quando o personagem fica muito tempo esperando um ônibus ou um táxi que o leve para seu bairro e, quando consegue, ouve explicações nada solidárias de um taxista: “[...] falou que ele não teria como embarcar, porque a cadeira ocupa espaço demais e nem desmontada caberia no porta-malas, menor do que se imagina devido ao cilindro de gás instalado para economizar o combustível” (PEREIRA, 2017, p. 65). Ou, ainda, quando é demonstrado o despreparo do profissional de uma companhia de ônibus:

O motorista joga para o lado uma toalha que usa para enxugar a testa e as mãos, dá uma olhada para o cobrador, comunica aos passageiros que pode demorar, salta a roleta em direção à tal porta, coça a cabeça e perde uns momentos analisando o controle composto de dois botões, um verde para descer o mecanismo, outro encarnado para subir. [...] Depois de uma pancada e dois chutes, o equipamento começa a se mover, só que para cima, o que parece estranho. O motorista aperta o outro botão, e aí sim a plataforma vai para baixo e os degraus são recolhidos. (PEREIRA, 2017, p. 66)

A mesma inaptidão é revelada no transporte aquaviário; barca que Antônio toma para se deslocar do seu antigo apartamento para o outro lado da baía de Guanabara, onde moravam seus pais. Logo na entrada da barca, os empecilhos vão se mostrando:

Um funcionário de colete laranja, solícito, arma um sorriso torto para o nada e pega sem avisar no apoio da cadeira, conduzindo Antônio até a proa da Gaivota [...] O mar está mexido, o que faz com que a barca chacoalhe um pouco mais do que o normal, e o funcionário de colete acha por bem transferir a manobra do embarque do CDR (é assim que eles chamam o Antônio, de CDR), para os marujos vestindo outro tipo de colete, que já devem estar acostumados com a operação de transferência entre o barco e o cais que também balança, quase tanto quanto, só que no sentido ao contrário. Os dois marujos articulam um movimento coordenado, um deles empurrando por trás, empinando a cadeira de Antônio no local próprio para isso, ajeitam seus gorrinhos, prestam orgulhosos uma quase continência e passam o serviço para outro funcionário, sem colete e sem gorrinho, vestindo uma camisa branca com o logotipo da concessionária e uma gravata listrada de nó pronto. Enquanto as pessoas entram e saem, se esbarrando numa sincronia misteriosa, o funcionário vai dando informações pertinentes a Antônio, o passageiro especial [...]. (PEREIRA, 2017, p. 28-29)

Na citação acima, nota-se que o local em que cadeirantes, como Antônio, são transferidos não é adequado, assim como o lugar que o deixam dentro da barca, uma vez que a concessionária que opera a barca não destina espaço específico para cadeirantes, que dividem seu espaço com bicicletas. Aspecto que evidencia, mais do que o despreparo dos funcionários, a invisibilidade desses sujeitos que se misturam com coisas:

Antônio pensa nas considerações que o funcionário de gravata de nó pronto fez antes de sair [...]. Que o espaço destinado aos clientes especiais também é ocupado pelas bicicletas, cujo transporte é gratuito todos os dias da semana, respeitando o limite de dez por viagem (acima disso fica sujeito a avaliação). Que os usuários que portam bicicletas não dobráveis e os cadeirantes são os últimos a embarcar e desembarcar. (PEREIRA, 2017, p. 31)

Além disso, o personagem também sofre para sair da embarcação:

Como a Gaivota não é uma embarcação com grandes recursos, na maré esvaziada, ou baixa-mar, a única maneira de Antônio sair é pela escada móvel, descendo um por um os nove degraus acoplados a bombordo. Os quatro funcionários coçam a cabeça por baixo do gorriño, trocam olhares entre si, confabulam, alternam o foco entre a cadeira e a escada, verificam possíveis pontos de apoio, se a estrutura é forte, arrastam as botas de modo a eliminar o excesso do aguaceiro, a aumentar a aderência, e então suspendem Antônio com tudo. (PEREIRA, 2017, p. 63)

Também são apresentadas dificuldades relativas à locomoção nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, o que mimetiza os desafios dos cadeirantes por todos os cantos do Brasil. Exemplo disso é quando Antônio desce do ônibus e não encontra um meio fio rebaixado para atravessar a rua: “Antônio desce do ônibus na calçada da padaria onde costumava comprar pão, pó de café moído na hora e cigarros para o Comandante. Procura e não encontra um meio-fio rebaixado para atravessar a rua, mas lembra que avançando até quase na esquina tem uma garagem” (PEREIRA, 2017, p. 71). Além da falta de acessibilidade, Antônio também padece com o distanciamento de seus amigos que, depois do acidente, rarearam:

Os amigos sabiam que ele gostava de trabalhar à noite, sozinho, Apesar disso, não chegava a ser surpresa quando o interfone que instalou no ateliê grassava nas horas mais improváveis. Logo subia alguém com uma garrafa, às vezes um monte de gente junto. Mas isso foi antes do acidente. (PEREIRA, 2017, p. 18)

E tem também os desafios enfrentados por Antônio e que são de ordem fisiológica, como o escape de urina:

Antônio sente um cheiro de urina. Lembra que a última vez que mijou foi no antigo apartamento, mas a calça molhada ia disfarçar [...] A lesão na medula não deixa que Antônio perceba a bexiga cheia, de maneira que ele teve que aprender a se controlar de outra forma. De quatro em quatro horas ele vai ao banheiro, mesmo sem sentir vontade, e mija num pote transparente ou saco plástico [...] Antônio senta no vaso uma vez por dia e fica ali pelo tempo que for necessário. (PEREIRA, 2017, p. 85-86).

Os contínuos embaraços e empecilhos sofridos pelo protagonista são, entretanto, de certa forma compensados por um mecanismo narrativo criado pelo autor que o leva a superar as inúmeras inconveniências que, conforme se destacou,

são de toda ordem. Esse operador narrativo tem a ver com a frequente agitação de sua memória, cujas histórias são um mosaico que se misturam, no tempo e no espaço:

Enquanto espera, Antônio observa a montagem de umas barracas na calçada do outro lado, Os vendedores de cerveja e caldinho de mocotó se preparam para a noite da escolha do samba-enredo na agremiação que engloba o conjunto de comunidades locais carregando caixas, esticando coberturas de plástico azul, pregando tábuas, instalando gambiarras, Antônio lembra uma tarde da infância quando esteve por ali numa feijoada em agradecimento aos homens da Marinha [...] O Comandante estava lá representando o quartel. Antônio se viu fascinado pela imponência dos carros alegóricos, pelo brilho, pela felicidade das tias e dos passistas mirins, pela festa que pulsava naquelas pessoas [...]. (PEREIRA, 2017, p. 65)

A consequência dessa confusão temporal e, conseqüentemente espacial, revela um tempo não-cronológico e que, portanto, nada tem a ver com o tempo do relógio, o que leva o leitor a perfilhar, segundo Rosenfeld, que:

[...] o homem não vive apenas “no” tempo, mas que é tempo, tempo não cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. (1976, p.82).

Esse embaralhamento temporal e espacial da narrativa leva ao rompimento do encadeamento lógicos de motivos e situações, tornando-a fragmentada, pondo em xeque a apresentação de um enredo em sequência causal, por meio de um tempo cronológico coerente. Ao contrário disso, a (des)organização textual, com cortes abruptos no tempo e no espaço diegéticos, bem como com múltiplos planos temporais e espaciais que se interpenetram, compromete a coerência textual, mimetizando a própria (des)organização interior de Antônio: um indivíduo perdido em si e deslocado socialmente. Caos narrativo que se associa ao protagonista; anti-herói em dissonância com o mundo à sua volta. A construção narrativa que decorre, conforme assinalado, do fato de os acontecimentos serem narrados ao sabor da memória, permite ao leitor notar que o narrador, sob a perspectiva do personagem, une fragmentos atuais a experiências vividas no passado; situações que desenterram os conflitos de Antônio, os quais emergem, sobretudo, das relações familiares e da sua condição de cadeirante.

Outro desdobramento da ativação da memória é que, não raro, o tempo da história é paralisado em função do tempo do discurso. Essa alteração, no discurso, da duração da história é denominada anisocronia e se impõe a partir de quatro movimentos narrativos particulares: o sumário, a extensão, a elipse e a digressão (LOPES; REIS, 1988, p.232-233). Aqui, interessa-nos mais de perto a digressão, que ocorre “[...] sempre que a dinâmica da narrativa é interrompida para que o narrador formule asserções, comentários ou reflexões normalmente de teor genérico e transcendendo o concreto dos eventos relatados [...]” (REIS; LOPES, 1988, p.237).

No romance, o ritmo mais lento pode ser percebido quando Antônio chega do outro lado da baía. É possível apontar várias passagens em que a sequência narrativa é interrompida para que o narrador introduza fatos que nada têm a ver com o que vinha relatando, desviando-se do assunto e, assim, suspendendo o desenrolar da história e a velocidade narrativa:

Agora, pela praça, ele vai furando as poças d'água, com cuidado porque nunca se sabe o que se pode encontrar debaixo delas, vai evitando as armadilhas de lama, as mais evidentes, no intuito de chegar à calçada. Precisa pegar mais uma condução até a casa do Comandante e da mãe. Tem quatro alternativas: ônibus, táxi, Kombi ou van. De qualquer jeito, vai ter que dobrar à direita na esquina lá na frente.

Quando a grana apertou de verdade (Antônio estava vivendo apenas da aposentadoria por invalidez e das vendas de algum material que tinha acumulado), ele inventou de promover o que chamou de garage sale, um bazar no antigo apartamento para se desfazer de tudo o que pudesse interessar aos conhecidos. Dessa forma ia fazendo um caixa e ganhando tempo antes de ser forçado a abrir mão daquela vida.

Vendeu baratinho uma gravura de oitenta por oitenta desenhada a nanquim por um mexicano boa gente numa vila em Zapopan. [...] Quatro bancos de bar. Uma barraca para duas pessoas. E camisas, pares de tênis com a sola zerada, facas, garfos, pratos. Calças compridas que no bairro antigo não incomodavam ninguém, mas que os vizinhos do Comandante talvez achassem esquisitas.

Antônio vem sentindo umas pontadas no peito. Não são propriamente dores, mas uma sensação de infarto diluído ao longo dos dias. Acontece agora [...]. (PEREIRA, 2017, p. 63-64).

Conquanto longo, o trecho acima ilustra a divagação para outros tempos e espaços, os quais não se relacionam com o presente da narração; mais especificamente com a proximidade do encontro com os pais. Ou, quando já no ônibus, em direção à casa dos pais, divaga relatando sobre sua viagem a Paraty na

época da Escola Naval, seus códigos penais, o retorno à cidade anos depois, as aventuras vividas:

Na época da Escola, Antônio costumava visitar Paraty de tempos em tempos. Os aspirantes precisam cumprir determinada carga de dias de mar e, até por uma questão orçamentária, a cidade era o destino predileto. Havia lá um torneio de vôlei, disputado na praça da igreja. A escolha da cidade agradava o comando, a prefeitura e alguns aspirantes, claro. Pode-se dizer que os navios de instrução reproduziam de forma bastante razoável a rotina marinheira, e nessas ocasiões se tomava contato com a escala de serviço a bordo, as marcações nas cartas náuticas, os enjoes, as confraternizações envolvendo as locais.

O Código Penal Militar classifica como crime a prática da pederastia, portanto o sujeito assim que entra para a Marinha já fica sabendo que é proibido praticar [...].

Nem todo aspirante se animava com a ideia de perder seu final de semana no meio do mato [...]

Fez amizade com um francezinho, que veio atrás das loucuras do Brasil. [...] Sua mãe era francesa de verdade, mas o pai tinha nascido no Oriente Médio, e ele sonhava em contar em quadrinhos a história de sua família [...]. (PEREIRA, 2017, p. 66-70)

A lentidão ganha o seu ápice quando se aproxima da casa dos pais, mais propriamente do bairro onde moram. Quando desce do ônibus, Antônio desce na calçada da padaria “[...] onde costumava comprar pão, pó de café moído na hora e cigarros para o Comandante” (PEREIRA, 2017, p.71). Não encontrando um meio fio rebaixado para a atravessar a rua, dirige-se até quase a esquina, onde se lembra tem uma garagem. Ele atravessa em frente “ao meio bar meio armazém” do seu Onofre e, a partir daí, passa a descrever com minúcias o espaço, bem como conflito que teve com um sujeito que entra no bar/armazém. Em seguida, novas digressões ganham corpo, mas agora a falta de encadeamento lógico de motivos e situações se evidencia no mesmo parágrafo:

A relação de Antônio com o sol é distante. Foi assim desde o princípio, mas de uns tempos para cá a coisa piorou. Um complexo pela magreza, uma vergonha, fez com que ele jamais se apresentasse sem camisa na presença de alguém, incluindo o Comandante e a mãe. Na escola, aprendeu a relaxar um pouco, pois não era possível conviver com mais de cem colegas de Turma sem dividir certas intimidades, no chuveiro, na pista de carvão, no ginásio. O banho sempre foi gelado, costume que trouxe da infância sem chuveiro elétrico e manteve até o antigo apartamento. Uma coisa que mudou com o acidente foi a sudorese. Antônio, que antes sofria com pilhas de camisas condenadas por causa das manchas debaixo dos braços, com as meias fedidas e a testa brilhosa, agora simplesmente parou de transpirar. O milagre se deu por conta da reconfiguração que o corpo de um lesado medular pode sofrer, já que o organismo fica desregulado e os comandos que vêm do

DÍALOGO E INTERAÇÃO

Cornélio Procópio, Volume 16, n.1 (2022) - ISSN 2175-3687

cérebro não chegam aonde têm que chegar: ele quer mexer a perna e não consegue, sofre uma queimadura na barriga e não chega a perceber, coisas assim. Como tudo na vida tem dois lados, o que em princípio parece um inferno absoluto também tem suas vantagens, e Antônio não sente mais o calor sufocante que o acompanhou por toda a vida. A exposição ao sol e às temperaturas elevadas, absolutamente desaconselháveis pelos médicos porque podem fazer a bomba-relógio disparar, não chegam propriamente a fazer falta. (PEREIRA, 2017, p. 73-74)

No excerto acima, percebe-se a rememoração confusa e sem progressão lógica, que se inicia pela relação do personagem com o sol, passando pelo seu complexo com o corpo, pelo resgate de uma lembrança dos tempos de Escola Naval para, finalmente, evidenciar as vantagens de atualmente não ser acometido pela transpiração excessiva. As divagações se multiplicam até o momento em que chega em frente da casa dos pais, do outro lado da rua. A partir disso, as digressões se intensificam na narrativa: Antônio nota mudanças na fachada da casa e lança observações; levanta hipóteses sobre o que os pais estariam fazendo naquele momento em que se encontra em frente à casa na qual passou a infância, bem como revive reminiscências de toda ordem (do acidente - em que esteve preso às ferragens do carro; da infância e do seu relacionamento com Arnaldo; a última vez que viu o Comandante; a relação pouco próxima com a mãe nos últimos 20 anos; o período que passou na clínica, em recuperação; a situação do carro após o acidente; os tombos sofridos com a cadeira de rodas, etc). Do momento em que chega no bairro até se colocar em frente da casa dos pais para, enfim, tocar a campainha, são 22 páginas (da página 71 a página 93).

Considerando que a digressão assume, não raro, uma função ideológica (REIS; LOPES, 1988), é que não parece aleatório a propensão do narrador de retardar o encontro de Antônio com os pais, criando, desse modo, uma atmosfera de suspense, como é possível apreender nas linhas finais do romance:

Antônio destrava os freios da cadeira, vai para mais perto do portão e toca uma, duas vezes, mas a campainha não emite som nenhum. Ele se ajeita na almofada, arma seu melhor sorriso, se vira para a vizinha que chama o Comandante pelo nome e fala 'Hein?' (PEREIRA, 2017, p.93)

Ao não narrar o episódio, fomentado já nas primeiras páginas do romance, o narrador recorre a prerrogativas da focalização onisciente que, se por um lado

demonstra conhecimento ilimitado da história, contando numa posição de transcendência em relação ao universo diegético, por outro, não traz uma representação exaustiva dos acontecimentos, evidenciando alguma coisa de seletivo (REIS; LOPES, 1988, p.255). Essa atitude seletiva do narrador em relação aos fatos que narra tem a ver não apenas com o seu posicionamento temporal em relação à história, concluída e integralmente conhecida – narração ulterior -, mas também com a disseminação de sua subjetividade em selecionar o que deve ou não relatar; vertente subjetiva que se associa, ainda, à sua aderência ao ponto de vista do personagem protagonista.

Desse modo, a opção do narrador em deixar esta lacuna, desfecho aberto a ser preenchido pelo leitor, encontra eco na complexa relação de Antônio com os pais, que tem início na decisão de abandonar a Escola Naval, contrariando a vontade do pai que o queria trilhando os seus caminhos, e se soma à sua homossexualidade, orientação sexual condenada pelos códigos militares, o que inclui o pai; pressuposto expresso no fragmento a seguir: “Ele consegue até ver o Comandante falando ‘Quando é que você vai procurar um trabalho de verdade, hein, rapaz? Esse negócio de pintura é coisa de mariquinha’” (PEREIRA, 2017, p. 87).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que os operadores narrativos, elementos formais no plano da expressão, traduzem, de forma associada, no plano do conteúdo, o medo e o ressentimento cultivados por Antônio com as experiências do passado – as surras, as palavras de desprezo, a falta de compreensão e aceitação - e as vivências de desamor em família que, apesar de advindas sobretudo da figura paterna, encontram acolhida na mãe; submissa não se contrapõe aos desmandos do “Comandante”. Ou seja, as feridas abertas e, por isso, não cicatrizadas do seu passado familiar, encontram, no adiamento do relato do encontro com seus progenitores, a sua mais fiel representação.

3. Em busca de um arremate

Se a narrativa por um lado aborda a relação conflituosa do protagonista com os pais, de outro, centra-se, conforme apresentado, nas agruras sofridas por um cadeirante. Esse olhar de baixo e para baixo oferecido pelo romance traduz a

invisibilidade do cadeirante no meio social, que precisa lidar com toda sorte de obstáculo para se deslocar. Não por acaso, a falta de acessibilidade é recorrente objeto de reflexão. A esse respeito é importante ressaltar que o personagem representa um dos muitos “Antônios”, conforme revela em entrevista concedida a Carlos Marcelo:

Antônio é um sujeito comum, de origem popular. Alguém que se pode encontrar em qualquer esquina de uma grande cidade. E penso que é justamente esse o ponto: a gente tem mais é que falar sobre a gente, olhar um pouco mais para os lados e menos para cima. (PEREIRA, 2018c, s/p)

Desse modo, o escritor se vale de uma história individual, a do protagonista Antônio, e as dificuldades sofridas por ele, um cadeirante, para suscitar uma discussão de ordem coletiva, já que as dificuldades de se locomover nos transportes públicos, a falta de banheiro adaptado, o despreparo de funcionários que prestam serviço ao público e a falta de acessibilidade nas ruas brasileiras são problemas que figuram a realidade de muitos cadeirantes. Não por acaso, o escritor dá ao protagonista do seu romance um nome comum, facilmente encontrado no meio social.

É, então, por esse projeto de alcance coletivo que o narrador, segundo Alex (2018), consegue colocar o leitor em cadeira de rodas. Nas palavras de Prata (2018), “[...] o leitor consegue vivenciar a rotina de quem passou a enxergar ‘tudo por baixo’. E a partir daí o mundo fica mais hostil” (PRATA, 2018, s/p) ou, ainda, sob a pena de Tezza na orelha do livro: “[...] Carlos Eduardo Pereira põe o leitor em uma cadeira de rodas [...]” (TEZZA, 2017, s/p). Nessa perspectiva, o leitor consegue se colocar no lugar de Antônio, como no trecho em que procura um lugar debaixo da marquise, mas não encontra; metáfora que põe à mostra o lugar à margem desse grupo social, a quem Pereira procura dar voz e vez:

Ele procura um abrigo debaixo das marquises, porém não encontra um espaço vazio onde consiga dar um tempo e respirar. Os ambulantes de filmes piratas e bugigangas em geral, os panfletistas mais dedicados, os funcionários do comércio arriando as portas de ferro, gente apressada que não fecha o guarda-chuva, sem-tetos, ficam todos espremidos de maneira que se forma um meio caminho, que assim só de olhar não permite a passagem de uma cadeira de rodas. (PEREIRA, 2017, p. 64)

Nesse sentido, *Enquanto os dentes* toma posição em face das iniquidades sociais, como lembra Candido em “O direito à literatura (2011, p. 183), garantindo, assim, os direitos humanos, conforme assegurado pela Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiências no artigo 12, parágrafo 3: “Os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para prover o acesso de pessoas com deficiência ao apoio que necessitarem no exercício de sua capacidade legal” (BRASIL, 2009, p. 22). Nesse contexto, a literatura assume espaço privilegiado para a legitimação das coletividades repudiadas. Daí a necessidade de democratizar o fazer literário e, desse modo, dar visibilidade a determinados grupos sociais, como a dos deficientes físicos, ampliando as representações sociais e identitárias.

REFERÊNCIAS

ALEX, Eder. *Enquanto os dentes e a muleta da representatividade*. Escotilha, Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://escotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/enquanto-os-dentes-carlos-eduardo-pereira-todavia-resenha/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp, 1993. p. 211-357.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. A representação de territórios marginais na ficção brasileira contemporânea: os casos de Ferréz e Marcelino Freire. *Antares, Caxias do Sul*, vol. 6, nº. 12, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2972/1804>>. Acesso em: 17 out. 2021.

BRASIL. Decreto-Lei n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192 />. Acesso em: 08 set. 2021.

CORRENT, Nikolas. Da antiguidade a contemporaneidade: a deficiência e suas concepções. *Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza*, ano MMXVI, nº 89, 2016. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/da-antiguidade-contemporaneidade-deficiencia-e-suas-concepcoes>>. Acesso em: 18 out. 2021.

CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002.

DALGASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1920-2004. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.

FILHOLINI, Jorge Ialanji. Odisseia particular. Rascunho, Curitiba, n. 222, out. 2018, p.16. Disponível em: < <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/odisseia-particular-2/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FONSECA, Rubem. Feliz ano novo. In: Contos Reunidos. Companhia das Letras, São Paulo, 1975a.

FONSECA, Rubem. Feliz ano novo. In: Contos Reunidos. Companhia das Letras, São Paulo, 1975b.

FONSECA, Rubem. Passeio noturno. In: FONSECA, Rubem. 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Rubem. O filho. In: Amálgama. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

FONSECA, Rubem. Conto de amor. In: Amálgama. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

GUIMARÃES. Bernardo. A Escrava Isaura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

MACHADO, Tainara. Enquanto os dentes. Achados e lidos, 4 out. 2018. Disponível em: < <http://www.achadoselidos.com.br/2018/10/04/resenha-enquanto-os-dentes/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

MENEZES, Marleno Chaves; RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante. A representação da deficiência em clássicos da literatura brasileira. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 37484-37495, jun. 2020.

PAIVA, Marcelo Rubens. Feliz ano velho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PEREIRA, Carlos Eduardo. Enquanto os dentes. São Paulo: Todavia, 2017.

PEREIRA, Carlos Eduardo. Carlos Eduardo Pereira e seu primeiro livro, Enquanto os dentes. Youtube, 2017. Entrevista concedida a Editora Todavia. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=04ssh7tsxXs>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PEREIRA, Carlos Eduardo. “Enquanto os dentes”, por Carlos Eduardo Pereira. YouTube, 2018a. Entrevista concedida a Tamy. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=k_V2Z03NxKA>. Acesso em: 8 set. 2021.

PEREIRA, Carlos Eduardo. ‘Literatura é diversão’, afirma Carlos Eduardo Pereira, autor de ‘Enquanto os dentes’. Rio de Janeiro: Pitaya Cultural, 4 abr. 2018b. Entrevista concedida a Gabriela Matos. Disponível em: < <http://pitayacultural.com.br/literatura/entrevista-literatura-e-diversao-afirma-carlos-eduardo-pereira-autor-de-enquanto-os-dentes/>>. Acesso em: 08 set. 2021

PEREIRA, Carlos Eduardo. Carlos Eduardo Pereira estreia na literatura com o livro Enquanto os dentes. Belo Horizonte: UAI, 2018c. Entrevista concedida a Carlos Marcelo. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2018/03/02/noticias-pensar,223125/carlos-eduardo-pereira-estrela-na-literatura-com-o-livro-enquanto-os-d.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PEREIRA, Carlos Eduardo. Por trás do livro “Enquanto os dentes”, de Carlos Eduardo Pereira. Suplemento Pernambuco, 2018d. Disponível em: < <https://www.suplemento.pernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/67-bastidores/2088-portr%C3%A1s-do-livro-enquanto-os-dentes,-de-carlos-eduardo-pereira.html>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

PRATA, João. A vida vista de baixo em boa estreia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, ano 139, n. 45421, 25 de fev. 2018. Aliás Literatura. p. E3.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. São Paulo: Ática, 1988.

ROSA, João Guimarães. Campo Geral. 32 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: Texto/Contexto I. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. p. 75-97.

SANTOS, Darlan Roberto dos. Trinta anos de Feliz ano velho: Marcelo Rubens Paiva e os anos de chumbo. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 13- 29, 2012.

Recebido em: 19/01/2022.

Aprovado em: 14/07/2022.